

## **O PROCESSO DE LEITURA EM SALA DE AULA: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS**

Adélia Aparecida Pereira da Silva RODRIGUES (PG-UEM)<sup>1</sup>

Renilson José MENEGASSI (DLE-UEM)<sup>2</sup>

### **A leitura na escola**

Embora os estudos sobre leitura tenham se expandido significativamente nos últimos anos, nota-se que ainda há muito a ser pesquisado. Formar e desenvolver bons leitores de textos é, conforme expõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), um dos objetivos do professor de Língua Portuguesa, o qual deve atuar de maneira dinâmica, confiante e criativa entre o aluno e seu texto, ensinando-lhe que, para ler, devem-se ativar suas vivências e seu contexto sócio-histórico-cultural. Assim, ao ajudar-lhe nesse processo, o professor agirá também como mediador entre o texto e o outro, para que o sentido se manifeste de forma real, não artificial como se propõe na escola, em que o professor é o único detentor do conhecimento e das repostas que o texto possa trazer. Ao agir como mediador, o docente promove a interação verbal discutida por Bakhtin/Volochinov (2004), ou seja, o diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, a partir de um fenômeno social, realizado através da enunciação, o qual, segundo o autor, constitui a “realidade fundamental da língua” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.123). No entanto, não observamos essa interação na escola, o que acarreta na dificuldade que a grande maioria dos alunos têm de apresentar uma atitude responsiva ativa diante dos textos lidos.

Segundo a concepção de leitura descrita por Kleiman (2004), existem na escola várias práticas que passam por leitura. Estratégias que na verdade são apenas uma forma de mascarar o mecanicismo das práticas de leitura escolar, como a atividade mecânica

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup> Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Renilson José Menegassi (UEM)

de decodificação; responder perguntas expressas no texto; solicitar a opinião do aluno logo após a leitura do texto, sem discutir a forma com que o autor tratou o texto; exigir que o aluno faça somente leitura em voz alta; ler mediante um número de páginas etc.. Perpetuando somente esse comportamento, o professor queima etapas e causa interrupções e interferências no processo de leitura, pois é feita sem objetivo e leva o aluno, na maioria das vezes, a esperar a resposta pronta do professor, não levando em conta as inferências que poderá fazer sozinho para atingir a interpretação do texto.

Leffa (1996) comenta que a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio do mundo, salientando a necessidade da realização da leitura a partir do acionamento dos conhecimentos de mundo do leitor. Visto que a leitura é produção de sentido e não somente decodificação de códigos, o aluno precisa passar por procedimentos de internalização dos processos de conhecimento, no qual “o indivíduo assimila o seu comportamento, inicialmente o exterior e depois o interior, assimilando as funções psíquicas superiores” (VYGOTSKY, 2001, p. XII). Para Bakhtin/Volochinov (2004), esse processo é o percurso de amadurecimento psíquico chamado de *monologização* do pensamento. O autor explica que o indivíduo se apropria de tal forma dessa nova palavra que a toma como sua, pois

Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e o ouvinte (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2004, p.113).

Isso posto é indispensável observar que toda leitura precisa de objetivos bem direcionados, que levem à responsividade, pois “... toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta.” (BAKHTIN, 2003, p.272).

Na contramão de tal constatação estão as práticas escolares de realização da leitura que nada acrescentam ao aluno, pelo contrário, provocam um esvaziamento no processo de amadurecimento e competência leitora dos estudantes. Esse esvaziamento de significados, e falta de objetivos bem delimitados para a leitura, deixa o aluno desmotivado e incapaz de desenvolver sua criticidade, o que só acontecerá quando houver interação entre auto-texto-leitor-professor-experiências, pois como salienta

Bahktin/Volochinov (2004), a interação nasce dentro do processo de enunciação. E é só a partir do diálogo entre todos os envolvidos no processo que se obtêm informações que não estão presentes, separadamente, em nenhum dos interlocutores, mas na união dos envolvidos. Dessa forma, é possível, ao final da leitura, que o leitor faça seu próprio julgamento e extraia da leitura um texto novo que será construído por ele a partir das inferências que realizou durante o processo mediado pelo professor.

Diante desse contexto, é fácil averiguar que não se ensina a ler (criticamente) nos bancos escolares, senão não nos depararíamos com a falta de competência leitora facilmente detectada em nossos alunos. É fato que ensinar e aprender a ler são tarefas complexas (SOLÉ, 1998), contudo, é papel dos professores e dos adultos tornar possível a aprendizagem da leitura (SMITH, 1999), visto que são esses os responsáveis pelo aprendizado dos pequenos leitores. São deles (os responsáveis) os primeiros modelos de enunciados a serem seguidos pelos estudantes.

## **Processos de leitura**

Os processos de leitura, ao contrário do que pensam algumas pessoas, não são inerentes ao aluno, precisam ser ensinados, isso significa dizer que o professor precisa estar preparado minimamente para direcionar seus alunos, pois cada texto exige uma leitura específica e diferente. Por isso, o professor deve assumir um papel ativo diante das leituras selecionadas para seus alunos, antes de exigir deles a criticidade.

Segundo Menegassi (2010), as etapas de leitura se desenvolvem de acordo com processos que não podem ser mensurados separadamente, elas fazem parte de um procedimento gradativo de apropriação dos sentidos possíveis no texto, que propiciam ao aluno reflexão, liberdade e autonomia de pensamento. Essas etapas são classificadas de:

**Decodificação:** A decodificação é a primeira das etapas do processo de leitura. Sem ela, todo o processo fica emperrado e não permite que as demais etapas se concretizem. Nessa etapa, ocorre o reconhecimento do código escrito e sua ligação com o significado pretendido no texto.

**Compreensão:** Compreender um texto é captar sua temática; é resumi-lo. Para que isso aconteça, o leitor deve conseguir reconhecer as informações e os tópicos principais do texto, assim como, também, dominar as regras sintáticas e semânticas da língua usada.

**Interpretação:** A interpretação é a etapa de utilização da capacidade crítica do leitor, o momento em que analisa, reflete e julga as informações

que lê. Assim, para que a interpretação ocorra, é necessário que a compreensão a preceda, caso contrário, não há possibilidade de sua manifestação. Dessa forma, o leitor, ao compreender, faz uso de seus conhecimentos anteriores, que se interligam aos conteúdos que o texto apresenta.(...)

Na produção de interpretações, as inferências são relações extremamente importantes. Elas são as pontes de sentido que o leitor faz entre si e o texto, entre o texto e ele próprio. Em uma representação esquemática, tem-se o quadro (...)

a) O texto oferece ao leitor determinada informação:

TEXTO → LEITOR

b) O leitor também leva ao texto suas informações sobre o tema:

TEXTO ← LEITOR

c) Nessa troca de informações, nasce a interação entre autor-texto-leitor, em que o autor é representado pelo texto, dialogando com o leitor e este com o autor:

AUTOR/TEXTO ↔ LEITOR

d) Nesse diálogo, o leitor produz sentidos ao texto que não estão explicitamente demarcados na materialidade linguística, dando origem a nova informação, que não existia antes dessa relação, nem no texto, nem no leitor:

AUTOR/TEXTO ↔ LEITOR > NOVA INFORMAÇÃO

e) Essa nova informação passa a ser analisada, refletida e julgada, para que a interpretação se estabeleça:

NOVA INFORMAÇÃO > ANÁLISE > REFLEXÃO = JULGAMENTO

f) O julgamento emitido, que é o ponto de vista do leitor, isto é, seu discurso próprio, apresenta-se como um novo texto:

TEXTO DO LEITOR

**Retenção:** A última etapa do processo de leitura é responsável pelo armazenamento das informações mais importantes na memória do leitor. Para isso ocorrer, a retenção pode se dar em dois níveis. O primeiro é resultado do processamento da compreensão, isto é, o leitor não precisa fazer uso da interpretação. Nele, o leitor armazena na memória a temática e as informações principais do texto lido, sem analisá-las.

O segundo nível de retenção (...) advinda da interpretação, é sempre maior do que a da compreensão, uma vez que são alterados os conhecimentos prévios do leitor, (...) com o acréscimo de informações resultadas de um julgamento realizado pelo leitor, sobre o texto lido, o que altera seu ponto de vista sobre o tema e possibilita a construção de um novo texto. (MENEGASSI, 2010, pp. 10, 12, 17, 18, 20)

Diante disso, compete então ao professor, antes de levar as questões aos alunos, estudar o texto, aplicar conceitos de leituras que auxiliem na construção do pensamento e traçar objetivos concretos para realização da atividade. Solé (2003, p. 40) verifica que, ao se construir etapas dirigidas por objetivos claros, o leitor “processa e atribui significados àquilo que está escrito em uma página”, comprovando a necessidade de propor reflexões reais aos estudantes, durante as aulas de leitura.

Para isso, o professor precisa saber que há uma sequência de dificuldades, a serem vencidas pelo aluno, até tornar-se efetivamente participante do processo de construção de sentido.

## **Leitura de produção de sentidos**

A exemplo de como é possível auxiliar o aluno, de forma bastante simples, mas que o obrigue a refletir sobre a leitura feita, tem-se uma experiência realizada com uma crônica de Manuel Bandeira “Tragédia brasileira”<sup>3</sup>.

### **Tragédia Brasileira**

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa, – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e o dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria. Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa. Viveram três anos assim: toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Antes de iniciar o trabalho com o aluno e a elaboração das questões, objetivadas para a leitura, faz-se necessário um estudo do texto. O professor precisa apropriar-se das

---

<sup>3</sup> Texto extraído do sítio: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/manuel-bandeira/tragedia-brasileira.php> - Acesso 28/10/2009

informações presentes no material e prepará-las para o aluno. Isso não significa que deverá cristalizar a interpretação, mas direcioná-la de forma crítica para que o estudante não se equivoque ao fazer sua leitura. É preciso ficar claro que a interpretação de um texto não é um *vale tudo*.

## **A análise do professor**

a) TEXTO □ □LEITOR: Misael era um senhor de 63 anos, funcionário da Fazenda e Maria Elvira uma prostituta com muitas enfermidades. Ele a tirou do bordel e colocou numa casa e tratou de seus males. Quando ela percebeu que estava curada e bonita, arrumou um amante. Toda vez que isso acontecia, Misael mudava de casa. Até que um dia matou-a.

b) TEXTO □ □LEITOR:

Misael sendo um bom homem tirou Maria Elvira da prostituição. Maria Elvira por sua vez não foi muito agradecida, visto que arrumou muitos amantes, por isso Misael teve motivos para matá-la.

c) AUTOR/TEXTO □ □LEITOR:

Misael fez de tudo para Elvira, dando a ela uma vida de rainha, tanto que tentou manter o relacionamento mudando-se de bairro, cada vez que ela arrumava um namorado, mas Elvira não se importava com as tentativas de Misael e continuava sendo infiel, por isso, em um momento de fúria, ele a matou.

d) AUTOR/TEXTO □ □LEITOR > NOVA INFORMAÇÃO:

Misael retirou Elvira da “vida” por vontade própria, ela não pediu para que isso acontecesse. Elvira só conhecia aquele estilo de vida, por isso não se preocupava em esconder de Misael seus amantes.

e) NOVA INFORMAÇÃO > ANÁLISE > REFLEXÃO □ □JULGAMENTO:

Misael não tinha o direito de culpá-la, muito menos de matá-la por um ato que para a vítima, não soava como inadequado.

f) TEXTO DO LEITOR:

Embora Misael pudesse estar fora de si, sendo um homem inteligente e vivido, não tinha o direito de julgá-la e dar cabo da vida da mulher que pretensamente ajudara.

Ele não soube compreender que o único estilo de vida que Elvira conhecera era o do amor fácil e fugaz, e que não agia assim para confrontá-lo ou envergonhá-lo.

Ele achou erroneamente que estava tirando Maria Elvira da prostituição para ser uma dedicada esposa, entretanto, para Elvira, houve apenas uma mudança de espaço, pois ela continuava recebendo por favores amorosos (prestados a ele). A diferença é que agora ela tinha uma casa, e um homem que a sustentava, fora isso, poderia escolher quem quisesse como eventuais parceiros sexuais. Ela não tinha consciência que a moral esperada por Misael estava sendo ferida e que devia fidelidade a ele, mesmo porque o conheceu frequentando um bordel. Sendo tais atitudes corriqueiras na vida de Elvira, não poderia ter sido condenada de forma tão violenta por Misael.

### **Atividade proposta a partir da análise**

As reflexões feitas são indispensáveis, pois norteiam o trabalho do professor na realização das atividades a serem desempenhadas pelos alunos. Sem esse momento inicial da análise de possibilidades a serem desenvolvidas, a constituição do leitor crítico, responsivo, pretendida pelo professor, pode não acontecer, visto que é preciso criar situações que facilitem o posicionamento autônomo do aluno diante da leitura. Fazendo com que reflita sobre o caráter inacabado do texto e interprete o que está lendo, de forma competente e inequívoca.

A partir daí é possível objetivar questões que realmente contribuam com o amadurecimento gradativo do aluno diante de situações de leitura, é o que se pretende com as atividades dispostas a seguir, em que o grau de dificuldade nas respostas obedecem a uma crescente, prevendo exatamente o amadurecimento do aluno diante das leituras realizadas.

#### **a) Qual é a atitude de Misael em relação à Maria Elvira?**

Na primeira questão, o leitor procura reconhecer, determinadas informações na subjacência do texto. Até um leitor pouco atento é capaz de perceber tais elementos.

#### **b) Qual é o comportamento de Maria Elvira em relação a Misael?**

Nessa questão, o leitor além de apropriar-se das informações do texto leva informações pessoais para a leitura, buscando semelhança com o que já conhece do tema.

**c) Qual é o motivo que levou Misael a matar Elvira?**

Nesse ponto, acontece a interação entre autor-texto-leitor, os dados surgem a partir de um diálogo entre essa tríade, sobre as informações a serem consideradas.

**d) Por que Maria Elvira era infiel a Misael?**

Esse é o momento em que, além das informações compartilhadas pelo autor/texto-leitor, surge uma nova informação, trazida para completar o sentido do texto a partir das vivências do leitor e do encontro entre esses três eixos, essa informação não existia antes.

**e) O que gerou a atitude de Misael em relação à Maria Elvira?**

Aqui, a nova informação passará por um processo de análise, reflexão e julgamento, para depois estabelecer a interpretação eficaz do leitor, para em seguida iniciar a construção do seu próprio ponto de vista.

**f) Como você julga a atitude de Misael?**

Essa etapa é a mais importante, pois, após perpassar todas as reflexões anteriores, o leitor efetivará seu ponto de vista, apresentando um novo texto a partir de seu próprio julgamento, que pode ou não ser o mesmo ponto de vista pensado pelo professor. Esse é o momento máximo da individualidade do leitor.

## **A construção dos sentidos**

Essa atividade foi aplicada a alunos de ensino médio no ano de 2009. A fim de exemplificar, destacaram-se para esse trabalho alguns trechos. Os quais foram transcritos literalmente, e referem-se aos julgamentos feitos por um estudante, do 2º ano, proveniente de uma escola pública, de bairro, em Maringá-Pr, a respeito do texto sugerido.

**Pergunta: d) Por que Maria Elvira era infiel a Misael?**

Resposta do aluno:

Maria Elvira antes de conhecer Misael, era uma pessoa **miserável**, doente, que **não tinha nenhum apego pela vida**. Quando Misael a tirou daquela **vida amargurada** e cuidou dela, ela se viu **mais disposta**, bonita, com a



**auto-estima pra cima e quis aproveitar tudo** que não aproveitou quando **era abandonada**, sem se importar com o fato de estar sendo infiel e **ingrata** com Misael.

Observa-se que as informações destacadas não estão expressas no texto, são inferências feitas pelo aluno. Ele transpôs suas críticas e seu olhar para o texto que acabou de ler. Deixando transparecer sua opinião a respeito do personagem que, segundo o aluno, devemos condenar. Para chegar a esse ponto da interpretação o estudante já passou pelos processos de decodificação e compreensão, os quais aconteceram em um momento anterior a esse, uma vez que já percebemos traços de autonomia.

Pergunta: **e) O que gerou a atitude de Misael em relação à Maria Elvira?**

Resposta do aluno:

Misael **tirou Maria Elvira das ruas** e cuidou dela com a intenção de **receber em troca seu amor e gratidão**, mas aconteceu o contrário, **Misael se desiludiu** com ela, mas mesmo assim **não queria perde-la** e resolveu mudar de casa, e a cada vez que Elvira arrumava um namorado eles se mudavam, Misael não aguentava mais, **estava velho e já não raciocinava direito**, então a matou.

Novamente o estudante traz suas impressões da leitura e procura defender o personagem que considera vítima. O aluno manifesta informações que tentam convencer o leitor de que Misael tentou de tudo para não cometer um ato insano, mas Elvira o provocou tanto que acabou por acontecer. As convicções do aluno demonstram que o homem ficou desiludido quando descobriu que ela o enganaria em qualquer lugar que morassem. Isso choca o aluno de tal forma, que acaba por concluir que Misael de fato fez o que deveria em tal situação, compactuando com o crime.

Pergunta: **f) Como você julga a atitude de Misael?**

Resposta do aluno:

**Eu julgo a atitude de Misael como sendo normal para alguém que está velho, cansado**, desprovido de inteligência e tão **desiludido** como ele Misael, **durante muito tempo preferiu dar valor a razão, permanecendo calmo e com esperança de ter o amor de Elvira**, mas chegou o dia em que **sua mágua falou mais alto e a única solução pra ele foi matá-la**.

Percebe-se que, nesse momento, as impressões do leitor tomam conta do texto, demonstrando de forma bastante enfática seu ponto de vista. Maria Elvira foi de fato

condenada por ele, e mereceu o fim que teve. O julgamento de verdade desse leitor reflete certa intolerância em relação à moça, pois ela não demonstrou a gratidão esperada por Misael e pelo aluno. Além disso, o leitor deixa transparecer que considera a violência necessária nesse contexto, uma vez que entendeu a solução tomada por Misael como a única possível, e Maria Elvira merecedora da punição de seu amante. Talvez em uma tentativa velada, de refletir seu próprio convívio social de intolerância e inflexibilidade.

A interpretação feita pelo aluno é bastante conservadora, contudo, pode-se dizer que executou o ato de compreender o mundo, que menciona Silva (2000, p.44), pois atribuiu significados ao texto de forma independente. Suas atitudes diante da leitura não deixaram dúvidas de sua compreensão dos horizontes presentes no texto. É claro que o estudante poderia ter ponderado melhor alguns fatos textuais e atribuído sentidos mais críticos ao texto, contudo, em um país em que a leitura “é um grande ponto de interrogação” (SILVA, 2000, p.46), fazer o aluno extrair significado de um texto durante as aulas já é uma extraordinária conquista.

### **Comentários finais**

Nos trechos apresentados, fica evidente que a interpretação do texto se deu de forma efetiva. A opinião do aluno refletiu o tema de maneira acertada, sem cair no *achismo* ou no *vale tudo*, comuns à sala de aula. É fácil observar que as respostas surgiram de reflexões e opiniões formadas anteriormente sobre o tema, que se somaram com a leitura e não de cópias ditadas pelo professor. O qual passa de detentor do conhecimento, a mediador do processo de inferências que o aluno poderá fazer sozinho.

Dessa forma, é possível levar o aluno a exaurir, no sentido de Bakhtin/Volochinov (2004), o significado do que está sendo estudado. Ainda que pareça pouco, é o caminho mais seguro para se chegar a responsividade que deveria permear cada leitura. Ao construir seu próprio sentido para o texto, o aluno tornou-se responsável e consciente dos seus atos de fala, sem precisar esperar a resposta pronta do professor. Pode-se considerar, em suma, que a leitura saiu de um estado de inércia, comandado pelo professor e passou a *status* de autonomia, em que as vivências e leituras trazidas com o leitor, fizeram surgir novos sentidos para o texto analisado.

Silva (2005, p.15) comenta que “(..) a leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual e, ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações”, para reforçar o fato de que ideias diferentes a respeito do mesmo texto enriquecem a reflexão e aperfeiçoam a criticidade do leitor.

Isso implica dizer que, deixando o aluno livre para construir sua interpretação, o professor dinamiza o processo de aprendizagem da leitura na escola, e cria uma consciência crítica permanente no estudante, que passa a não mais aceitar respostas acabadas e artificiais, nas quais não pode opinar ou contribuir com a construção da interpretação a ser realizada. Ao perceber a importância da liberdade de poder controlar suas próprias conclusões a respeito do que lê, sentir-se-á incentivado a se arriscar cada vez mais nas interpretações objetivadas posteriormente.

## Referências

BAKHTIN/VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLOMER, Teresa & CAMPS, Anna. **Ensinar a ler ensinar a aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, S.P: Pontes, 2004.

LEFFA, V. J. **Aspectos da leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagrada: DC Luzzato, 1996.

GERALDI, João Wanderley.(org.) **O texto na sala de aula**. 4. edição. São Paulo: Ática, 2008.

\_\_\_\_\_. João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MENEGASSI, Renilson José. **O leitor e o processo de leitura**. In: GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga (Orgs.). *Leitura: compreensão e interpretação de textos em Língua Portuguesa*. Maringá: EDUEM, 2010, p.35-59.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná**. Curitiba: SEED, 2008.

\_\_\_\_\_. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas, SP: Mercado das letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Ezequiel Theodoro da. **O ato de Ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 10 ed. Campinas – S.P.: Papyrus, 2005. b

SMITH, Frank. **Leitura significativa.** Trad. Beatriz Affonso Neves. 3. Ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda. 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Ed. Artmed, (1998).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

VYGOTSKY. L.S. **A função social da mente,** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY. L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.